

Lacan, Lingüística e Psicanálise: de um anátema por fim questionado

Franklin Winston Goldgrub*

(ARTIGO PUBLICADO EM PSICOLOGIA REVISTA, VOLUME 10, MAIO DE 2000; REVISADO EM MAIO DE 2008).

RESUMO. O artigo enfatiza a importância da aquisição da linguagem para a teoria psicanalítica, tanto sob o aspecto epistemológico como teórico. Focaliza as contribuições incipientes de Freud e Lacan a esse respeito e as razões pelas quais elas não foram desenvolvidas até o momento.

Palavras-chave: Lacan, aquisição de linguagem, Psicanálise.

ABSTRACT. The present article emphasizes the significance of language acquisition to psychoanalysis, simultaneously in epistemology and theory. The article focuses on the incipient contributions of Freud and Lacan and on the reasons why they have not been developed till now.

Key-words: Lacan, language acquisition, Psychoanalysis.

Há muito, ou mesmo desde seus primórdios, a psicanálise tem visitado áreas forâneas, estabelecendo, como escreveu Freud, em *O interesse científico da psicanálise*, um intercâmbio com disciplinas pertencentes ao campo das chamadas ciências humanas. Trata-se de uma situação que nada tem de incomum; uma vez constituídas, as teorias, como as nações, instituem um regime de trocas, segundo modalidades peculiares a cada situação particular. Essa espécie de comércio conceitual, feito de importações, exportações e, eventualmente, contrabandos e invasões, está sujeita aos ditames ou percalços da legitimidade e da ilicitude, e tanto pode configurar uma relação mutuamente vantajosa como gerar abusos e distorções - ou ambos.

Os riscos tornam-se proporcionalmente maiores quando a empresa interdisciplinar visa articulações próximas no nível dos fundamentos. É o caso da obra de Jacques Lacan, caracterizada em seu período inicial por uma grande aproximação em relação à lingüística. Os respectivos resultados foram objeto de diversos tipos de avaliação e deram ocasião a inúmeras controvérsias. A constatação mais conspícua é a

de que Lacan instaurou, numa corrente de pensamento que sempre conheceu conflitos internos, uma nova divisão, tanto em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos como institucionais; menos notório é que essa nova divisão inclui igualmente uma divisão nova - ou uma nova forma de divisão. Afirmção que requer, sem dúvida, uma explicitação.

Por diferentes motivos, as grandes dissidências ocorridas ainda em vida de Freud (Jung, Adler, Reich) foram assimiladas, seja por exclusão (Jung e Adler) ou periodização (Reich). Neste último caso, distinguiram-se dois momentos, aos quais se atribuiu um valor absolutamente desigual. O impacto das referidas dissidências e o tratamento que lhes foi dispensado caracteriza-se, sobretudo, pelo fato de que o próprio Freud as avaliou, dando-lhes uma resposta que repercutiu no *corpus* existente - enriquecendo-o, mediante uma precisão maior e uma justificação mais ampla dos conceitos discutidos. Tanto o questionamento do papel atribuído por Freud à sexualidade (Jung e Adler), como a atitude oposta, isto é, a crítica à crescente complexificação e relativização do conceito “sexualidade” no desenvolvimento das teses freudianas (Reich), foram objeto de uma refutação cuja argumentação se incorporou à própria teoria psicanalítica. As obras de Melanie Klein e Jacques Lacan, pelo contrário, foram desenvolvidas após a morte de Freud¹, o que lhes confere um estatuto diferente, já que escapam da aprovação ou da desaprovação de quem, supostamente, detinha o poder de julgá-las, embora ambas se defrontem inevitavelmente com os herdeiros da ortodoxia. Se, desse ponto de vista, os efeitos produzidos pelo lacanismo se aproximam bastante dos do kleinismo, cabe igualmente distingui-los.

Na medida em que as contribuições kleinianas antecedem as de Lacan, é aconselhável descrever, primeiramente, as marcas que imprimiram na teoria psicanalítica. Através da obra de Melanie Klein inaugura-se um novo tipo de enfrentamento à ortodoxia freudiana, que resulta de uma operação de aprofundamento e extensão, comprometida com a doutrina estabelecida mas dotada de independência e originalidade suficientes para não precisar temer incorrer em discordâncias conceituais e metodológicas conducentes a eventuais divergências teóricas. Os avanços inicialmente metodológicos e depois conceituais conferiram às primeiras contribuições kleinianas o mérito do pioneirismo num território tão fundamental quanto inexplorado - o da psicoterapia infantil. Em seguida, uma teoria começou a ser destilada dessa prática clínica, cujos conceitos passaram a questionar progressivamente o papel conferido pela

psicanálise freudiana ao complexo de Édipo. Finalmente, a própria metodologia psicanalítica em relação ao tratamento de adultos recebeu o impacto das inovações kleinianas, desenvolvidas a partir da prática clínica com crianças, configurando uma situação exatamente inversa àquela que foi objeto da crítica dirigida pela própria Melanie Klein a Anna Freud.² Se o kleinismo for uma dissidência, trata-se, paradoxalmente, de uma dissidência que ao situar no primeiro ano de vida a *fons et origo* dos conflitos humanos, não faz senão seguir, mediante uma radicalização e uma reformulação metodológica de lógica incontestável (o jogo concebido como meio de expressão fundamental da criança), o pressuposto freudiano relativo à importância dos primórdios da infância.³

A *démarche* lacaniana parte igualmente de uma região *periférica* (a psicose) em relação aos fenômenos comumente trabalhados até então pela psicanálise (neurose/perversão). Contudo, a primeira derivação desse movimento não é metodológica, mas epistemológica. A partir da perspectiva da paranóia, o médico parisiense, insatisfeito com as hipóteses organicistas e sociológicas desenvolvidas pela psiquiatria em relação à loucura, encontra a obra na qual vislumbra um campo propício não apenas pelas respostas que propõe mas pelas perspectivas que oferece. Para tanto, porém, será preciso primeiramente descontaminar a psicanálise da gnosiologia biológico/ambientalista oriunda da psiquiatria e da psicologia. Da sua experiência clínica Lacan extrairá a convicção de que as insuficiências do saber psiquiátrico e psicológico não eram meramente conceituais e metodológicas, mas decorriam de uma falha no nível dos fundamentos. Tal constatação precede o encontro com os escritos de Freud e explica por que o terreno epistemológico constitui o primeiro palco - e, provavelmente, o mais importante - da sua intervenção. A inquirição lacaniana ambiciona dimensionar e estabelecer os alicerces da teoria - ela incide precisamente sobre a natureza do fenômeno de que trata a psicanálise.

O inconsciente e o sujeito, portanto. Que Lacan redefine reunindo esses termos no sintagma: o sujeito do inconsciente. Com um acréscimo: o sujeito do inconsciente será o sujeito propriamente dito, quer se saiba disso ou não, na medida em que não há outro (daí a constante referência ao *cogito* cartesiano. Na esteira da crítica freudiana à sinonímia proposta pela filosofia entre consciência e psique,⁴ Lacan discute essa questão até as últimas conseqüências, assumindo-se como interlocutor crítico do autor da mais

sistemática, radical e coerente sustentação da posição filosófico/científica a respeito do sujeito como sujeito pensante, sujeito do conhecimento ou sujeito da consciência).

O terreno epistemológico é precisamente onde se produz a articulação entre psicanálise e lingüística. Lacan fará notar que qualquer enunciado (“*cogito ergo sum*” sendo, desse ponto de vista, apenas um entre tantos) pressupõe, necessariamente, as “palavras” que o expressam. Palavras que, longe de serem meros instrumentos de designação e apreensão da realidade, utilizadas por um indivíduo devidamente equipado para o ato do conhecimento, pressupõem uma linguagem estruturada pelo significante. Essa observação, aparentemente banal, é apenas a face visível de um argumento contundente, que aponta para a anterioridade da *linguagem como sistema* em relação a qualquer conteúdo e a qualquer usuário. As implicações dessa postulação são de um alcance insuspeitado. Algumas revelam-se particularmente importantes:

1) Se a linguagem como sistema antecede a intenção comunicativa, então o falante é igualmente “secundário” em relação a esse sistema. Lacan dirá que o sujeito é um efeito da (de) linguagem.

2) Os enunciados não possuem apenas uma dimensão comunicativa. O falante expressaria muito mais do que acredita estar dizendo, já que não domina a língua senão exterior e superficialmente. Se o sujeito é um efeito de linguagem, então, ao enunciar determinado conteúdo intencionalmente, ele expressaria, simultaneamente, uma modalidade possível e singular (única) - a “sua” - de enunciar esse conteúdo. (Trata-se de um raciocínio que repousa na diferenciação entre o enunciado e o ato da enunciação). Daí a hipótese de que o discurso retrataria o sujeito,⁵ à qual se faria o seguinte acréscimo: mas de maneira elíptica, inclusive para si mesmo. Tal asserção confere (ou começa a conferir) à “regra fundamental” do método psicanalítico - a associação livre - uma base lingüística. Extremamente necessária, aliás.

3) Se a anterioridade da língua em relação à fala estiver relacionada à anterioridade lógica do inconsciente em relação à consciência, então cabe relacionar a universalidade do inconsciente,⁶ postulada por Freud, à universalidade da linguagem. O mesmo pode ser dito em relação à anterioridade lógica da linguagem face à cultura (postulada por Lévi-Strauss em *As estruturas elementares do parentesco*), bem como à anterioridade lógica da gramática em relação ao nível comunicativo-semântico (hipótese da qual Noam Chomsky fez a base de um extenso programa de pesquisas).

4) Nesse caso, linguagem e inconsciente seriam consubstanciais. Seus efeitos não se exerceriam apenas em relação ao sujeito, visto que a cultura também é incluída na jurisdição da linguagem. Esse argumento permite um desdobramento analógico: a desautorização da consubstancialidade entre psique e consciência, efetuada por Freud, encontra seu corolário na consubstancialidade entre inconsciente e linguagem, proposta por Lacan, cuja derivação é a concepção de que sujeito e cultura são efeitos simultâneos da linguagem (ou seja, do inconsciente).

Tais raciocínios justificam e desdobram a fórmula lacaniana, segundo a qual o inconsciente está estruturado como uma linguagem.⁷ Esse postulado, ao qual se apõe freqüentemente o qualificativo *célebre*, e que manteve intacto seu caráter singular e seminal em meio às inúmeras fórmulas posteriores, freqüentemente expressas no estilo dos aforismos e das *boutades*, resistiu à guinada que transportou Lacan da lingüística para a topologia e a lógico-matemática. Entretanto, seu estatuto atual, no interior do lacanismo, é o de um marco histórico que evoca o caráter épico dos primeiros combates contra a ortodoxia estéril da IPA⁸. A mumificação da fórmula que merece o qualificativo “fundante”, visto sua natureza declaradamente epistemológica, deve-se provavelmente às constantes declarações de divórcio dirigidas à lingüística por um Lacan decidido a enfatizar as diferenças entre essa disciplina e a psicanálise. Trata-se de um gesto cuja lógica ainda precisa ser compreendida — para além das habituais racionalizações a cargo dos interessados em justificar toda e qualquer decisão tomada pelo mestre. A escassa perspectiva oferecida pelo tempo relativamente curto transcorrido desde sua colocação em prática, bem como a suspensão dos eventuais desdobramentos, decorrente do falecimento de Lacan,⁹ dificultam a leitura do distanciamento em questão.

Apesar disso, cabe hipotetizar que Lacan teria temido a anexação da psicanálise pela lingüística, na medida em que esta tem por objeto precisamente o fenômeno que fornece a base epistemológica de que a psicanálise precisou para desvencilhar-se da suserania biológico/cultural perante a qual haviam capitulado os herdeiros oficiais do freudismo. Como na lenda do judeu errante, depois de escapar da tutela do biologismo e do sociologismo graças à linguagem, a psicanálise teria sido novamente obrigada a emigrar... dessa vez para um outro continente, visto por Lacan como terra prometida, mais do que exílio, situado nos antípodas das ciências humanas, e onde a ciência dos

sonhos ficaria finalmente ao abrigo das tentativas de feudalização. A topologia e a lógico-matemática constituiriam territórios cujos “nativos” estariam suficientemente desfamiliarizados com a disciplina estrangeira para tentar exercer qualquer influência.

Caberia acrescentar, relacionando-o com o anterior, outro motivo possível: os questionamentos apresentados por especialistas acerca da legitimidade de algumas transposições de conceitos lingüísticos feitas por Lacan teriam gerado a preocupação de que essas objeções pudessem redundar numa desautorização das bases da teoria lacaniana.¹⁰ Em resumo, pela conjunção de duas possibilidades opostas, a da anexação e a da refutação, a aliança com a lingüística ter-se-ia tornado simultaneamente incômoda e perigosa.¹¹

Sejam ou não essas as razões, certamente é possível contestar o distanciamento entre psicanálise e lingüística, tão injustificado quanto heurística fora sua aproximação nos anos cinqüenta. Não se pretenderá averiguar se a mudança de orientação acima mencionada foi tão fecunda quanto o período “lingüístico” de Lacan ou se, independentemente de qualquer comparação, propiciou avanços. Trata-se de uma discussão extremamente árdua, que mal começa a ser encetada.¹² Para além desse escrutínio, que não será feito aqui, parte-se do suposto de que a fórmula epistemológica fundante¹³ exigiria explicitações e demonstrações que não foram efetuadas, razão pela qual seu valor permanece tão restrito quanto o de um dogma. Nesse sentido, assemelha-se bastante à revelação que exige o correspondente ato de fé por parte dos fiéis. Provavelmente, é em virtude disso que a nova divisão instaurada por Lacan no movimento psicanalítico constitui também uma divisão nova.

Com isso quer-se dizer que Lacan, utilizando até as últimas conseqüências os efeitos de certo tipo de “transferência,¹⁴ algo que em outra jurisdição foi chamado de “culto à personalidade”, combinou o ideal de cientificidade (expresso pela exigência de rigor conceitual e de coerência entre os níveis epistemológico, teórico e metodológico da psicanálise) com elementos de sedução e persuasão tão bem-sucedidos em sua função catequética que, efetivamente, promoveram na maioria dos ouvintes e leitores a crença na infalibilidade da sua palavra — sonora e gráfica.¹⁵ Deve-se acrescentar a isso a preocupação com as questões institucionais. O lacanismo tornou-se, desse ponto de vista, uma dissidência cuja dimensão política, enquanto alternativa para o oficialismo psicanalítico, alcançou êxito similar ao do movimento junguiano. Tratava-se, decerto, de uma necessidade, pois é evidente que não existia espaço para Lacan no âmbito das

instituições psicanalíticas tradicionais - mas, acrescente-se, não somente por força das divergências doutrinárias. As dimensões assumidas pelo personagem que ele passou a representar (a do mestre) colidia com as regras de impessoalidade, anonimato e carreirismo colegiado das instituições. As novas regras de formação propostas pelos grupos lacanianos atraíram candidatos que não teriam como — por motivos econômicos e de formação acadêmica, mas não só — ingressar nas associações nacionais filiadas à IPA. A criação, o aliciamento e a “sindicalização” de um “proletariado” psicanalítico não é um dos menores indícios do talento político de Lacan. A “política” em questão permanece vigente e se multiplica graças ao multinacionalismo laciano, cujos representantes adotam sem pestanejar as diretrizes bem-sucedidas do que não seria indevido designar por militância de *griffe*.

No que se refere à produção teórica, o resultado dessa combinação inusitada entre a inquietação ambiciosa de um pensador original com a delegação de plenos poderes intelectuais feita por seus adeptos, manifesta-se através de uma extensa literatura que repete e exagera o estilo simultaneamente “sofístico” e “sofisticado” do inspirador, estilo em que a referência ao fenômeno tratado cede a mão preferencial aos arrazoados apoiados na erudição e na lógica refinada,¹⁶ típicos do “salonismo” parisiense. Na esteira desse procedimento, os textos discipulares, que dominam, aliás, a produção psicanalítica em língua francesa, priorizam as menções ao próprio Lacan, acarretando o correspondente desfocamento do objeto — ou mesmo seu eclipse. O universo de referência de Lacan é vastíssimo: filosofia (antiga, medieval, moderna, contemporânea), lingüística, etologia, etnologia, biologia, sociologia, topologia, matemática (além do próprio Freud e da literatura psicanalítica, obviamente); o universo de referência de seus seguidores costuma ser restritíssimo: além do próprio Lacan, eles citam suas citações. Uma nova escolástica?

É pelo menos o que faz crer um crescente volume de textos consagrados à desmistificação. Mas, independentemente do valor que se conceda a tais testemunhos de ex-discípulos decepcionados e contestadores, trata-se, antes de mais nada, de pleitear o cancelamento das prerrogativas aduaneiras da obra laciana. As inovações desse grande retórico não têm porque escapar ao destino de toda e qualquer proposta teórica. Ou seja, devem ser avaliadas e aplicadas criticamente, ainda que, em psicanálise, como se sabe, “avaliação” e “aplicação” designem procedimentos diferentes dos sugeridos pelo uso habitual desses termos. A conhecida dificuldade de pôr à prova as hipóteses e

os conceitos do campo freudiano se estende ao infinito quando se pensa na complexidade da teoria lacaniana, modalidade nada comum de discurso científico¹⁷, uma de cujas peculiaridades ou pretensões é precisamente a recusa desse gênero de escrutínio. Novo contraste, agora entre o erudito hermetismo da letra e o espírito primário das emoções suscitadas pelo autor/personagem. “*Love me or leave me*” parece ser, de fato, o frontispício mais adequado ao umbral da psicanálise *made in France*, ao lado de outro mote famoso, cunhado por Dante. O “*Voi che entrate lasciate ogni...*”, pendurado nos portais da Escola Freudiana de Paris bem como de suas entidades sucessoras, sugere uma lista que inclui: capacidade crítica, pensamento independente, estilo e vocabulário próprios, área de pesquisa pessoal. Mas, por outro lado, há também um “*Voi che uscite...*” associado a motivos como preguiça intelectual, prepotência, acomodação e estagnação. Evidentemente, para poder pensar Lacan a uma distância equânime da veneração e da abominação, do sectarismo e da decepção, será preciso encontrar a via que permita evitar tanto o Cila da fé cega como o Caribdis da excomunhão autoritária.

A rota escolhida se orienta pela bússola da psicanálise freudiana. A interpretação de Freud por Lacan licencia o gesto recíproco, ou seja, a interpretação de Lacan a partir de uma perspectiva freudiana. Trata-se, antes de mais nada, de saber o que está sendo designado pela expressão “perspectiva freudiana”. Em princípio, a resposta se desdobra numa dupla linha argumentativa, que é a seguinte:

1) Freud distinguia, no *corpus* psicanalítico, os níveis epistemológico (que ele chamava de metapsicológico), teórico e metodológico. A articulação intrínseca desses níveis não autoriza sua indiferenciação. Exemplificando: a teoria das pulsões (metapsicologia) é descrita por Freud como uma “superestrutura”, passível de modificação sem que o *corpus* psicanalítico sofra necessariamente por isso algum abalo;¹⁸ similarmente, a história da técnica mostra que se as alterações na prática clínica se relacionam efetivamente com as concepções teóricas, não o fazem direta nem linearmente. De fato, poder-se-ia dizer que há três teorias, ainda que estreitamente correlacionadas, no interior do que se denomina habitualmente “teoria psicanalítica”. Uma teoria do sujeito (fortemente centrada na nosografia e na etiologia dos conflitos), uma teoria referente à natureza do objeto da psicanálise (a “metapsicologia”, termo que poderia ser substituído por epistemologia) e uma teoria da prática clínica (ou teoria da técnica, que melhor seria designar por método). A repercussão ocasionada pelas

alterações conceituais produzidas em cada nível nos outros dois é defasada no tempo e limitada no alcance dos respectivos efeitos. Dessa heterogeneidade resulta a possibilidade da incoerência ou, pelo menos, da assimetria — algo que Lacan percebeu agudamente com relação ao próprio Freud, em cujos escritos tornou-se fonte perene de mal-entendidos e ambigüidades o recurso simultâneo a fatores biológicos, ambientais (culturais-historicizantes) e lingüísticos.¹⁹ Estes últimos predominam na metodologia; a teoria (do sujeito) recepiona a todos, indistintamente, mesmo que o peso de cada um possa variar segundo o momento ou o tema de que se trate, enquanto a epistemologia, no caso específico da substituição da primeira pela segunda teoria das pulsões, retrata a passagem de uma descrição biológico/ambientalista para uma concepção muito diferente (mais autônoma) de inconsciente, que, na falta de um apoio “científico” (Freud não conhecia Saussure e mesmo que o lesse provavelmente não teria como “integrá-lo”),²⁰ valeu-se de analogias extraídas das regiões especulativas da biologia e da física para justificar-se.

2) A teorização freudiana permanece centrada, em meio a suas numerosas excursões e aos diálogos e discussões extramuros de que participou, na preocupação clínica. Isso não significa que Freud tenha usado viseiras intelectuais e muito menos aponta para um desinteresse perante o universo cultural ao seu redor. Pelo contrário. De Lacan pode-se dizer que foi um dos poucos sucessores a mostrar a mesma inquietação intelectual, ampliando consideravelmente o campo de interlocução da psicanálise. Entretanto, simultaneamente a esse processo de abertura e exteriorização, ocorreu no lacanismo uma progressiva secundarização da finalidade dita “terapêutica”. Obviamente, a desmedicalização da psicanálise, processo necessário para poder pensar o objeto psicanalítico em sua especificidade, tanto em termos teóricos como metodológicos, desempenhou um papel na referida “desterapeutização”. Cabe perguntar, porém, se o enriquecimento promovido pela interlocução e o debate intelectual com os demais campos disciplinares deveriam ter por implicação a secundarização da importância concedida à eficácia²¹ que se espera da clínica. A resposta que Lacan deu a tais expectativas abunda em paradoxos e ironias, como habitualmente. Analisando mais detidamente suas propostas metodológicas pode-se perceber uma clara tendência a desresponsabilizar o psicanalista, expressa através da preconização de um modo de intervenção minimalista, justificada da maneira mais sofisticada possível.²² A conhecida anedota acerca da diferença entre as práticas clínicas

kleiniana e lacaniana²³ não deixa de ilustrar o aspecto cômico do contraste oferecido pelas manifestações extremas do *furor sanandis* e do seu simétrico oposto, o niilismo à *ultranza*. Aqui, novamente, a atitude freudiana ante os referenciais interno (“clínico”) e externo (interlocução com o meio cultural) da psicanálise consegue paramentar-se de acordo com os ditames do *in medium sed virtus* — ressaltando que, longe de constituir um meio-termo eclético ou acomodatório, essa postura precede (e supera, se for permitido um comentário valorativo) a de seus êmulos.

Assim, por “perspectiva freudiana” entender-se-á a manutenção de um enfoque que não descarta das incumbências da clínica (ou seja, o compromisso com aqueles que esperam não apenas a denúncia de sua expectativa acerca do “suposto saber” do “mestre”, mas uma intervenção compromissada com o próprio sentido do discurso) e, ao mesmo tempo, tampouco reduz a psicanálise a esse dever. De fato, como teoria integrante do campo das “ciências humanas” (expressão que, como praticamente tudo, não escapou da mordacidade lacaniana), a psicanálise, em sua trajetória freudiana, manteve-se atenta ao universo cultural circundante, atitude responsável por intercâmbios mais ou menos intensos (Freud, 1913). Por outro lado, a expressão “perspectiva freudiana” também abrange um tipo de reflexão que capta certas peculiaridades do que poderia ser chamado de funcionamento do *corpus* psicanalítico. Daí a percepção de que a psicanálise se estrutura através de módulos articuláveis mas relativamente independentes entre si, resultando na possibilidade de defasagem, desajuste e relativa incoerência (ou assimetria) entre seus níveis epistemológico, teórico e metodológico.

Essa distinção é a que instrumentaliza a possibilidade de abordar o *corpus* lacaniano não como um monumento monolítico, amálgama de dogmas inquestionáveis, talhado de uma vez por todas e destinado à eternidade, ou uma sucessão crescente e cumulativa de descobertas cada vez mais fundamentais — que proporia esfingicamente o “*love me or leave me*” da adesão incondicional aos que transitam pelas encruzilhadas psicanalíticas — mas como empreendimento intelectual que se constrói através dos mesmos percalços enfrentados por todas as teorias “mortais”. Pode-se então distinguir:

1. A epistemologia lacaniana, cuja consistência e fecundidade emergem airosoamente do escrutínio;

2. da teoria (mais especificamente a teoria da constituição do sujeito), em permanente estado de construção e reformulação (como acontece com toda teoria), e

3. da metodologia, sobre cuja coerência em relação à epistemologia e à teoria (do sujeito) haveria muito a discutir e questionar.

Supondo a plausibilidade desse enfoque, poder-se-ia dizer que a psicanálise, como ocorre(u) com outras disciplinas pertencentes ao campo das ciências humanas, sofre(u) o dilaceramento ocasionado pela atração e repulsão decorrentes do modelo das ciências naturais. Em psicanálise, esse dilaceramento assume a forma de uma fratura interna, representada pelo fechamento kleiniano (“medicalização”) e pela abertura lacaniana (“filosofização”). Também sob esse aspecto Lacan parece ter introduzido uma novidade. A aproximação inicial com a filosofia (principalmente Hegel e Heidegger) é seguida pelo distanciamento, na medida em que o interesse principal emigra em direção às ciências humanas (mais especificamente a lingüística, “ciência-piloto” na área das humanidades, como dizia Lévi-Strauss)²⁴, referência substituída pela lógico-matemática e a topologia, à qual o psicanalista parisiense recorreu em busca de formalização e de cálculo.

As operações feitas exclusivamente com significantes passaram a ser consideradas imprescindíveis como instrumentos teórico-metodológicos característicos de uma ciência digna desse nome. Entretanto, é possível ver nessa atitude de Lacan o *pendant* da utopia biológica de Freud (1905), que sonhava, vez por outra, com a redução da sexualidade humana à química hormonal. Talvez o sonho de Lacan tenha produzido uma ficção científica avessa à vocação, muito mais modesta, da psicanálise, de (poder) ser uma ciência da ficção.

Seja como for, entende-se porque a fórmula epistemológica fundante, “o inconsciente está estruturado como (uma) linguagem”, entrou em rota de colisão com a teoria emergente a partir da guinada dos anos 70. A única maneira de compatibilizar a epistemologia lacaniana com a nova orientação teórica calcada no modelo lógico-matemático seria circunscrever o termo “linguagem” à modalidade lógico-matemática de linguagem, que exige, por sua vez, uma nova definição — algébrica, isto é (supostamente), não-discursiva — de “significante”. Se a interpretação de Saussure por Lacan nos anos 50 se caracterizou pela atribuição da primazia ao significante em face do significado no plano da linguagem (e seqüencialmente no âmbito da prática clínica), a reformulação ocorrida duas décadas depois estende essa exigência ao próprio discurso científico e faz supor que só há ciência onde há formalização estrita. Conseqüentemente,

o discurso teórico lacaniano procura confinar-se a fórmulas aptas unicamente ao cálculo das variantes (manifestações) possíveis do seu objeto. O termo “significante” passa a ter por referência a letra utilizada no cálculo, depurada do seu uso “simbólico” ou abreviativo (caso dos grafos). O modelo lingüístico torna-se, nessa perspectiva, uma referência remota, confinada ao período heróico (discursivo) do lacanismo. Assim, o gesto que propunha na prática clínica a desconsideração do discurso em benefício da intervenção direta sobre o significante se estende à própria teorização lacaniana — ocasionando uma espécie de autofagia que não seria senão um voto de destituição radical em relação à participação do sujeito discursivo na produção de conhecimento.

A função dos comentários precedentes é a de assinalar que a obra de Lacan está fraturada tanto no sentido do modelo de ciência adotado (lingüística & ciências humanas *versus* lógico-matemática & ciências exatas), como no que se refere à heterogeneidade e incoerência entre o nível epistemológico (que permanece referenciado pela lingüística na medida em que a fórmula epistemológica fundante não foi revogada nem oficialmente alterada) e o teórico²⁵/ metodológico.²⁶

Diante dessa incompatibilidade, optamos pela fórmula epistemológica fundante, ou seja, pelo nível epistemológico. Entre outras implicações, a referida opção propõe considerar incompleta a teorização lacaniana sobre a constituição do sujeito, visto que o texto capital concernente ao tema, “O estádio do espelho como formador da função do eu”, foi redigido com anterioridade à eleição do modelo epistemológico alicerçado na linguagem. Caberia, portanto, voltar às questões e conceitos elaborados no referido artigo, ao qual poder-se-ia atribuir igualmente um papel fundante (Lacan considera-o o pivô de sua intervenção no campo psicanalítico), para reinterpretá-lo de acordo com o postulado da consubstancialidade entre inconsciente e linguagem.

Para tanto, seria imprescindível elaborar uma teoria da aquisição de linguagem a partir das concepções psicanalíticas (freudianas e lacanianas), teoria que, entre outros, teria o benefício nada secundário de propiciar uma aplicação crítica da fórmula epistemológica fundante. A inexistência de uma teoria psicanalítica da aquisição de linguagem constitui uma lacuna mais do que chamativa nos textos da literatura lacaniana. Essa afirmação requer, porém, uma discussão preliminar.

Poder-se-ia objetar que o conceito “linguagem”, na acepção que dele é dada na obra de Lacan, possui uma complexidade e uma extensão incomensuravelmente mais amplas do que as referidas no genitivo acima mencionado. Conseqüentemente,

prossequiria a crítica, pretender relacionar linguagem no sentido epistemológico e linguagem no sentido da aquisição da língua materna seria o mesmo que confundir dois níveis heteróclitos, o primeiro de natureza estrutural e o segundo pertencente ao campo empírico (fenomenal). Apesar de tratar-se de um arrazoado logicamente bem construído, não é difícil contestar essa impugnação, e a contra-argumentação pode valer-se da analogia com uma hipótese bem conhecida e bem estabelecida. Caso um raciocínio semelhante ao da objeção supra fosse aplicado à proibição do incesto, a mesma deveria ser considerada como mais uma entre tantas normas estipuladas pelas sociedades humanas. Para Lévi-Strauss, porém, trata-se, muito pelo contrário, de uma prescrição que, independentemente das variações sofridas ao longo do espectro das formações culturais (grau de parentesco sobre o qual incide a interdição, severidade das punições infligidas aos transgressores), tem o papel, nada mais nada menos, de fundar a cultura, na medida em que constitui a única regra universal, reitora das relações entre os grupos humanos, característica que a diferencia de todas as outras com as quais, não obstante, compartilha o espaço empírico dos códigos.²⁷

Similarmente, a aquisição de linguagem poderia ser entendida como uma aprendizagem particular e restrita ao domínio das habilidades, nada banal por certo, mas mesmo assim não mais do que uma entre outras, também importantes (como a coordenação motora e o controle esfíncteriano). Contudo, se do lado factual (fenomênico) forem levadas em conta as conseqüências (para o “desenvolvimento” da criança) das falhas e retardos na aquisição da linguagem, bem como as conseqüências lingüísticas da “desestruturação” (ou “regressão”) associada aos surtos esquizofrênicos do adulto, e do lado da fórmula epistemológica fundante forem deduzidas as implicações referentes ao acesso ou não ao discurso próprio, então cabe pelo menos hipotetizar que, assim como a proibição do incesto é “empiricamente” uma lei entre tantas mas “estruturalmente” constitui a *lei*, similarmente, a aquisição de linguagem seria empiricamente uma “aprendizagem” entre tantas (no nível do idioma particular dominado, por exemplo), mas estruturalmente constituiria o *momento* fundamental da passagem da condição de objeto para a condição de sujeito.

Obviamente, o raciocínio em questão não é estranho à teoria lacaniana.

Sem que seja necessário recorrer a uma exemplificação exaustiva, conceitos como “infans”, “assujeito”, “Outro”, “metáfora paterna” são, por si sós, suficientemente eloqüentes como índices da importância atribuída por Lacan à fronteira que separa a

condição de não-falante da de falante. É o que torna ainda mais surpreendente a ausência de um estudo sobre aquisição na área lacaniana. Talvez se possa atribuir tal lacuna à estratégia de evitar a interrogação direta de campos empíricos, atitude cautelosa, ciosamente seguida pelos discípulos. O *modus operandi* lacaniano dá preferência à interpretação de conceitos ou dados produzidos por pesquisadores de outras disciplinas ou de correntes psicanalíticas diferentes, escolhidos/recortados para confirmação ou refutação, ou eventualmente reinterpretados (o exemplo mais conhecido é o da reformulação/subversão lacaniana da teoria saussuriana do signo).

Cabe acrescentar, ainda, que a pesquisa sobre aquisição de linguagem, na época em que Lacan poderia ter-se interessado por ela (década de 50), era trabalhada exclusivamente pela psicologia comportamental. (Na década seguinte, após as críticas de Chomsky às hipóteses behavioristas sobre a linguagem - 1959 -, que constituíram o prelúdio da retomada do prestígio acadêmico pelo inatismo, tais psicólogos, especialistas em aquisição, converter-se-iam, em sua maioria, à teoria gerativista. O que não tornou o fenômeno mais compreensível nem a respectiva literatura mais convincente.) Tais abordagens, em algum momento de seu desenvolvimento, defrontaram-se com impasses sérios. É interessante notar que, repartida entre o behaviorismo e o chomskismo, a área da aquisição de linguagem caiu na gangorra das alternativas epistemológicas clássicas, oscilando, como suas congêneres da área de humanas, entre o ambientalismo e o biologismo (aprendizagem e inatismo, *nurture and nature*). Na medida em que Lacan ingressou na psicanálise mediante uma intervenção decisiva de natureza epistemológica, e levando em conta a importância da linguagem para essa intervenção, não deixa de ser significativo que tenha sido tão lacônico a respeito das teorias vigentes sobre aquisição.

A situação apresenta certo paralelismo com a discussão sobre a universalidade do complexo de Édipo. Diante das numerosas críticas feitas a essa suposição, Freud optou pelo silêncio. A polêmica mais extensa sobre o tema foi travada entre Ernest Jones e Bronislaw Malinowski, em meados da década de 20. E, de fato, com relação a esse debate, a argumentação, bem posterior e puramente teórica, de Lacan, foi muito mais fundamental do que os argumentos de Jones, embora o biógrafo de Freud também tenha contribuído para desautorizar as objeções,²⁸ calcadas num empirismo ingênuo, do antropólogo polonês.

Há, porém, uma diferença entre a questão da universalidade do Édipo e a da aquisição de linguagem. No primeiro caso, trata-se de um conceito psicanalítico que, abordado incidentalmente numa outra perspectiva, é objeto de um questionamento. A aquisição de linguagem não é um conceito, mas um campo fenomênico (uma área de estudo) cujo interesse para a psicanálise, visto a relação entre desestruturação psicótica e desintegração da linguagem, de um lado, e as implicações da fórmula epistemológica fundante (consustancialidade entre inconsciente e linguagem), de outro, é patente.

Esse interesse, no que se refere especificamente à psicanálise estrutural²⁹, reside:

1) Na possibilidade de reinterpretar o estádio do espelho em termos das etapas iniciais da aquisição de linguagem (visto que a argumentação do artigo de 1949 repousa num conceito de identificação regido pela imagem do semelhante);

2) Na precisão que pode fornecer à descrição da passagem da posição de objeto à posição de sujeito (referida geralmente pelos raciocínios associados aos conceitos de metáfora paterna e nome do pai, em que a linguagem é vinculada à lei e esta à cultura, mas não se especifica o papel da aquisição e muito menos o seu “mecanismo”); e

3) Finalmente, na medida em que essas duas conceituações pertencem tanto ao nível epistemológico como teórico da abordagem lacaniana, o seu (re-)embasamento lingüístico resultaria num grau maior de coerência interna e permitiria a compatibilização (inexistente atualmente) entre ambos.³⁰ O termo “epistemológico”, nesse caso, diz respeito à relação intrínseca entre a fórmula epistemológica fundante e a suposição que faz da linguagem (isto é, de seus efeitos) o fator primordial responsável pelos momentos constitutivos da identidade; o termo “teórico”, por sua vez, reporta-se ao conteúdo dos conceitos “estádio do espelho” e “metáfora paterna”, que descrevem o processo de constituição do sujeito em seu aspecto estrutural não lingüístico, ou seja, estrutural-vivencial, focalizando as possibilidades decorrentes da relação do *infans* com as figuras desejantes.

Em termos mais genéricos, o estudo da aquisição de linguagem pode contribuir para a teoria do método na medida em que focaliza alguns aspectos da relação entre discurso próprio e identidade. Desse ponto de vista, e na medida em que abrange as questões da produção de sentido, metáfora e discurso, o estudo da aquisição também descortina o panorama no qual se situa o tema da natureza da interpretação psicanalítica, questão tratada em outro artigo (Goldgrub, 2000).

Por fim, e prospectivamente, da definição saussuriana de língua e da respectiva reinterpretação lacaniana é possível prever que uma concepção psicanalítica da aquisição de linguagem não poderá deixar de privilegiar a questão da emergência do signo e do discurso a partir das cadeias simultaneamente independentes e articuladas do significante e do significado. De fato, esse processo tem por consequência a consubstancialidade entre discurso e identidade, que corresponde à consubstancialidade entre inconsciente e linguagem. Dito de outra maneira, do paralelismo entre as duas consubstancialidades citadas decorre que o discurso estaria para a identidade (ou seja, para o sujeito) como a linguagem está para o inconsciente.

Referências bibliográficas

- ARRIVÉ, M. (1994). *Linguística e psicanálise*. São Paulo, Edusp.
- FREUD, S. (1905). *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago.
- _____(1913) *O interesse científico da psicanálise*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago.
- _____(1969). Um método sobre o discurso, ou a metáfora opaca. *Revista Impulso*. Piracicaba, n. 26, pp. 59-96.
- GOLDGRUB, F. (2000). Método sobre o discurso ou a metáfora opaca. *Revista Impulso*, n. 26.
- KLEIN, M. (1928). Early states of the Oedipus conflict. *International Journal of Psychoanalysis*.
- _____(1932). *The psycho-analysis of children*. Londres, Hogarth Press.
- _____(1935). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. *International Journal of Psychoanalysis*.
- LACAN, J. (1978). *Escritos*. São Paulo, Perspectiva.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1976). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Edusp.
- _____(1970). *O pensamento selvagem*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- MILNER, J. C. (1996). *A obra clara*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- SAUSSURE, F. de (1991). *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix.
- SKINNER, B. F. (1978). *Comportamento verbal*. São Paulo, Cultrix/Edusp.

Notas

* Professor da Faculdade de Psicologia da PUC-SP. Autor de *Mito e fantasia*, *Freud, Marlowe & Cia*, *A máquina do fantasma*, *O neurônio tagarela* e *A metáfora opaca*, entre outros livros. E-mail: azulgrana@uol.com.br

1 Afirmção que não valeria, obviamente, para a parte inicial dos escritos de Melanie Klein. Mas se a palavra “obra” designa um conjunto que a partir de um dado momento integra retroativamente as primeiras hipóteses mediante consolidação de um ponto de vista autônomo e original, as contribuições kleinianas passam a justificar esse qualificativo apenas na década de 40, apesar da inegável importância de textos como “Early stages of the Oedipus conflict” (1928), *A psicanálise de crianças* (1932) e “Contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos” (1935). Similarmente, tanto a tese de doutorado sobre a paranóia como as primeiras versões do “estádio do espelho” são redigidas por Lacan na década de 30, mas não se pode falar propriamente em “teoria lacaniana” senão a partir dos anos 50.

2 Ou seja, de que a filha de Freud transpunha diretamente a modalidade de tratamento de adultos para a psicoterapia infantil. Pode-se dizer que a técnica kleiniana propõe exatamente o inverso. A principal característica “importada” (ou contrabandeada ...) da experiência clínica com crianças para a psicoterapia de adultos consiste no que poderia ser designado pela expressão “hipertrofia da transferência”.

3 Poder-se-ia, a partir da ótica freudiana, opor a Klein o mesmo argumento com que Freud criticou a hipótese do trauma do nascimento, formulada por Otto Rank, isto é, o de que os momentos constitutivos posteriores reorganizam e modificam os anteriores. Para Freud, o último desses momentos constitutivos é o complexo de Édipo (fase fálica). A comparação entre Klein e Rank restringe-se a esse ponto, pois as hipóteses kleinianas configuram uma verdadeira teoria, o que não pode ser dito das de Rank.

4 Por exemplo, em “Uma nota sobre o inconsciente em psicanálise” (1911).

5 Daí também outra famosa fórmula lacaniana: “o significante representa o sujeito para outro significante”.

6 Uma de cujas decorrências mais importantes é a substituição da noção de “indivíduo”, associada à “consciência”, por “sujeito”, conceito que tem por implicação precisamente a universalização da noção de inconsciente. Inconsciente concebido como linguagem, do qual o sujeito (a identidade) seria a manifestação por excelência.

7 Da qual poder-se-ia retirar o artigo indefinido, que introduz uma ressalva desnecessária. “O inconsciente está estruturado como linguagem” expressaria melhor o teor fundante do enunciado em questão.

8 International Psychoanalytic Association.

9 Na medida em que uma teoria possa permanecer adscrita, como uma espécie de propriedade, a seu fundador, o que não constitui exatamente um bom indício de sua cientificidade (ou, se não se quiser empregar tal termo, de seu rigor). No momento atual, e visto o grau extraordinário de repetição que caracteriza os escritos dos lacanianos (ou daqueles que Jean Claude Milner chama de “pequenos lacanianos” em seu livro *A obra clara*), é o que acontece. Em suma, tudo se passa como se a morte de Lacan consolidasse o *status quo* da relação vigente entre o mestre e seus discípulos; uma árvore demasiadamente frondosa costuma crescer o chão à sua volta.

10 O livro de Michel Arrivé *Linguística e psicanálise*, mesmo tendo sido publicado cinco anos após a morte de Lacan, dá voz a dúvidas, críticas e contestações presentes há longo tempo.

11 Essa interpretação difere – ainda que sem antagonismo – da proposta por Milner, em *A obra clara*.

12 *A obra clara*, de Jean Claude Milner, exemplifica esse gênero de avaliação, cuja marca distintiva em relação à literatura tipicamente lacaniana é precisamente a isenção. Cabe supor que a fase topológico/lógico/matemática de Lacan tem menos a ver com a psicanálise do que com o lacanismo concebido como doutrina pessoal. As respectivas inovações serviriam sobretudo à manutenção da imagem de um mestre capaz das mais inesperadas revelações (palavra que, no caso de Lacan, substitui o termo bem mais modesto “hipótese”). Se for permitida uma analogia, diríamos que a enunciação dos maternas e das novas fórmulas mobilizou instantaneamente os fiéis, tal como os milagres despertavam a fé adormecida alimentando-a com seu testemunho transcendental.

13 Locução pela qual doravante designaremos o enunciado: “O inconsciente está estruturado como linguagem”.

14 Precisamente a transferência do tipo “sujeito suposto saber”, cuja utilização na clínica psicanalítica ortodoxa ele denunciou vigorosamente.

15 Algum dia, quem sabe, alguém se dedicará à compreensão de conjunções paradoxais tais como cristianismo e inquisição, humanismo revolucionário e terror (na revolução francesa e na russa, por exemplo). Se um capítulo desse estudo for consagrado aos movimentos intelectuais, a cientificidade e a religiosidade simultâneos do lacanismo tornam-no candidato ao mais cuidadoso dos escrutínios.

16 Uma exceção nobre merece ser mencionada: os estudos de psicanalistas lacanianos referentes ao autismo e à psicose infantil.

17 Quer essa expressão repugne ou não os interessados.

18 O raciocínio em questão encontra-se em *Mal-estar na civilização*. Trata-se de uma concepção, aliás, da qual é possível discordar. Mas o que interessa aqui é enfatizar que se trata de níveis (epistemológico, teórico, metodológico) cuja articulação inclui um grau de liberdade suficiente para serem pensados, pelo menos em princípio, separadamente.

19 Responsáveis, em última análise, pela fragmentação da psicanálise em correntes e escolas epistemológica, teórica e metodologicamente discordantes.

20 O *Curso de linguística geral* de Saussure foi publicado em 1916, mas não há nenhuma indicação de que Freud ou outro psicanalista da época tenham lido o livro.

21 Outra palavra que exigiria, para ser aplicada ao campo psicanalítico, uma boa discussão prévia. Apesar do que, “ça n'empêche pas d'exister” (Charcot) ou, como dizia Octave Mannoni, “mas mesmo assim...”.

22 Desintelectualizar e desteorizar a prática clínica. A finalidade é louvável, resta saber se os meios são adequados.

23 No caso do primeiro, o paciente morre na sessão e o psicanalista não percebe; no caso da sessão lacaniana, dá-se o contrário: o analista já comparece finado.

24 A antropologia estrutural, aliás, tampouco escapou dessa dilaceração. Em *O pensamento selvagem* (1962), Lévi-Strauss, em nome do retorno a uma posição epistemológica canônica, abjura da postulação feita em *As estruturas elementares do parentesco* (1949), a respeito do papel crucial desempenhado pela linguagem na distinção entre sociedade humana e natureza. Neste livro, que constitui um clássico não só

da etnologia mas também das ciências humanas, a emergência da cultura, decorrente da instauração da (única) regra universal, ou seja, a proibição do incesto (exogamia), era creditada à linguagem, promovida assim a fator epistemológico dotado de autonomia diante o biológico e o ambiental (social).

25 Mais precisamente o segundo modelo teórico.

26 E nesse sentido pode haver coincidência com o enfoque proposto por Milner no livro acima citado, embora não necessariamente. A principal ressalva refere-se à afirmação sobre a heterogeneidade entre os níveis epistemológico, teórico e metodológico em Lacan.

27 A argumentação de Lévi-Strauss encontra um complemento importante na teorização freudiana sobre a substituição do cio pelo desejo sexual.

28 Jones assinala que a função paterna não precisa ser, necessariamente, desempenhada pelo pai carnal. Assim, contrariamente às alegações de Malinowski, o tio materno pode perfeitamente exercer o papel de educador e interditor da “mãe”,

29 Expressão que julgamos preferível a “teoria lacaniana”.

30 O conceito de identificação, tal como descrito em *O estádio do espelho...*, não inclui maiores referências à linguagem (mas sim ao olhar e à imagem, o que é compreensível do ponto de vista da cronologia da obra lacaniana, mas não do da necessária reavaliação retrospectiva). A descrição do momento anterior à incidência da metáfora paterna sobre o *infans* tampouco o faz; já a passagem do *infans* para a posição desejante é explicada em função de uma mudança na caracterização do Outro (que, primeiramente, era referido pelo desejo de completude e, na seqüência, aparece representado pela linguagem [lei]). Entretanto, esse estado de coisas teórico, que poderia ser qualificado de lacunar e incoerente (e que a nosso ver ilustra os problemas decorrentes da inexistência de uma teoria psicanalítica da aquisição de linguagem), parece ou não ter sido notado ou não incomodar absolutamente os autores lacanianos que o descrevem.

Revisão concluída em quinta-feira, 2 de setembro de 2021